

humanitas



**Vol. LXIII
2011**

PEYRAS, Jean, *Arpentage et administration publique à la fin de l'antiquité. Les écrits des hauts fonctionnaires équestres*. Textes établis, traduits et annotés. Paris, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2008. 111 p. ISBN 978-2-84867-223-6.

Na introdução, Jean Peyras apresenta a origem da ideia e o programa de trabalho. Segundo este autor, o presente trabalho de tradução anotada teve como ponto de partida uma interrogação de âmbito arqueológico sobre a origem e natureza da agrimensura romana da Tunísia (p. vii-ix). Certas ideias que se lhe afiguravam demasiado apressadas, exigiam um conhecimento do trabalho dos agrimensores e dos seus procedimentos. Os textos selecionados nesta obra revelam que, ao contrário do que se dizia, por volta de 400 d. C. ainda se continuava a assignar lotes em África não incluídos nas antigas centúrias das colónias, que se instalaram depois da queda de Cartago no século II a.C.

Procedeu-se, pois, a uma análise sistemática de textos de reputados géometras, autores da dinastia valentiniano-teodosiana. Com efeito, Peyras defende como data mais provável para os textos incluídos a dinastia referida com base na menção dos imperadores Teodósio e Arcádio, descartando assim hesitações de outros estudiosos (p. ix-x). Trata-se, em princípio, de um conjunto de textos elaborados por volta de 400 d.C. e incluídos, mais tarde, num *corpus*, que abarcava textos de diversas épocas desde o alto império até aos *Digesta* (séc. VI), compostos para fins didáticos (a formação de géometras) e usados pela administração de Constantinopla, na sequência da reconquista de Itália e África pelo Império Romano do Oriente no século VI (p. x-xi).

Peyras trata, de seguida, os nomes e o estatuto dos *auctores*, enquanto partícipes da *auctoritas* do imperador, que os acompanha por vezes enquanto autores, e enquanto criadores da organização do solo (p. xii-xiii). Salienta a pertença de grande parte deles à administração imperial: pois que são ditos *Viri Perfectissimi*, do topo da hierarquia equestre.

Faz ainda referência à língua usada (o latim) e ao nível empregue, com concessões às formas populares – salienta-se a troca de b por v, característica de outros textos. Por se tratar de uma linguagem técnica, por via da qual, além disso, certos termos adquirem uma significação particular (que se estende inclusive aos termos de uso corrente), certas incorrecções gramaticais e diferenças vocabulares em relação ao uso clássico são, por assim dizer, toleradas (xiv-xvi). A tradução busca assumidamente a clareza, mesmo onde o latim é elíptico ou obscuro (p. xvi).

O autor não concorda com a ideia de que houve uma ruptura na arte de arpentagem entre a época flávio-antonina e a antiguidade tardia: em vez de decadência, prefere falar de continuidade e inovação, tanto no que se refere às técnicas como ao conhecimento do direito (p. xvii-xviii). Reconhece, contudo, a enigmática discrepância entre os textos e a arqueologia no que respeita aos tipos de marcos mencionados (nem todos se conseguem encontrar no terreno), facto que poderá sugerir a hipótese de haver algo de projecto nos textos (p. xviii-xix).

Para o estabelecimento do texto a base foi, para a maior parte, o de Lachmann in F. Blume, K. Lachmann, A. Rudorff, *Die Schriften der römischen Feldmesser*. Berlim, I, *Gromatici ueteres ex recensione Caroli Lachmanii*, 1848. As alterações incidem sobretudo sobre a pontuação e a divisão das frases e são devidamente indicadas em nota. Reproduzem-se além disso as ilustrações da referida edição alemã. Já para as *Casae Litterarum* o autor diz ter partido do texto do sueco Josephson (*Casae Litterarum. Studien zum Corpus Agrimensorum Romanorum*. Upsala, 1950), mas reconstruindo-os através da consulta de todos os manuscritos — sem contudo apresentar todo o conteúdo dos manuscritos, por não se tratar de um trabalho de filologia, adverte o autor (p. xix). Não é, de facto, um trabalho de filologia, mas tem muito de filológico. Segue-se o elenco de outras obras consultadas.

A seguir, apresenta-se a tradução acompanhada do texto latino (p. 1 ss), por autores: *Vitalis, Faustus e Valerius, Gaius, Latinus, Innocentius*, nomes verdadeiros ou que até podiam ser, de algum modo, considerados falantes (cf. p. xii-xiii). No final (p. 32), figura, como se disse, uma outra lista designada simplesmente por *Casae Litterarum*, título que patenteia a designação das quintas por letras do alfabeto. Na tradução, optou-se por deixar os nomes próprios do título em latim. As imagens reproduzidas ajudam a visualizar de forma eficaz os tipos de marcos, monumentos delimitativos ou taludes a que se refere o texto, ou esquemas dos terrenos emparcelados.

No final, figuram as abundantes notas à tradução. Aqui se esclarece o sentido do texto e das informações nele presentes que se tornem enigmáticas para o leitor; ali se explicam os termos técnicos. As notas incluem diversas informações suplementares e bibliografia específica sobre os assuntos em questão. Tais comentários revelam-se fundamentais, porque são esclarecedores, profundos e rigorosos. Dado o tipo de assunto tratado, talvez se ganhasse em colocar estas notas sob o texto — facilitaria em muito a

inevitável consulta. Percebe-se, contudo, que tornaria a edição mais pesada: a mancha gráfica das notas superaria a do texto. Enfim, haveria vantagens e desvantagens.

Um *index uerborum* recolhe uma longa lista de vocábulos (nomes, adjectivos e verbos) ligados à actividade do geómetra. Predominam os termos relacionados com terrenos, relevo, cursos de água, casas, agrimensura e delimitação de terras, matérias primas. Encontramos, por exemplo, *alueus, aqua, arca, auctor, campus, casa, casalis, collis, constituere, currere, cursorius, extendere, finis, fluuius, fundus, limes, littera, locus, mons, pes, pratum, quadrifinium, sextaneus, terminus, trifinium, uallis, uia* – apenas para referir alguns dos mais frequentes no texto.

Segue-se o *Index nominum* que contém nomes próprios de autores, imperadores, cidades, territórios, províncias, meses, pedras famosas. E, por último, temos a “table des matièeres”.

A mancha gráfica é densa e o tipo é pequeno, sobretudo para a tradução e notas. Tem a vantagem de poupar no papel e reduzir o preço final, mas torna mais penosa a leitura. Não é um livro de leitura fácil, nem acessível a qualquer leitor. Nem é esse o seu objectivo. Trata-se de um trabalho de erudição. É assumidamente um livro útil para historiadores da época, para arqueólogos, para juristas e para filólogos, como se afirma na contracapa. Nem podia ser de outra forma, dado o carácter dos textos traduzidos e analisados: como em outros escritos de carácter técnico, mais preocupados com a transmissão da mensagem do que com a elevação literária, o filólogo encontra, de facto, um manancial de exemplos sobre o latim da época e sobre vocabulário técnico – elementos que esta publicação tem o mérito de oferecer, tratados, ao leitor.

Uma obra deste teor só pode ser tratada por um especialista na matéria, como demonstra o curriculum do tradutor. Jean Peyras é professor emérito de História Antiga na universidade de Nantes, investigador associado ao *Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité* da Universidade de Franche-Comté e membro do conselho de administração da *Action Européenne COST A27 «Landmarks»*. Além disso é autor de diversos estudos sobre o Norte de África, escritos dos agrimensores, questões jurídicas, institucionais, religiosas e militares.

JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO